

AHMAD, Aijaz. Linhagens do Presente. Ensaios. 1^a.
Ed. Tradução Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo:
Boitempo, 2002. 287p.

Rita de Cássia Coelho de Alvarenga

Colégio de Aplicação, CAP-COLUNI.
Universidade Federal de Viçosa – *Campus* Universitário
36570-000 Viçosa - MG.
cassia@ufv.br

O livro *Linhagens do Presente* é a primeira obra publicada no Brasil do indiano *Aijaz Ahmad*, um dos mais importantes críticos de cultura da atualidade. O autor é professor e pesquisador do Centro de Estudos Contemporâneos do *Nehru Memorial Museum and Library*, em Nova Délhi, e professor colaborador do Departamento de Ciência Política da Universidade de York, no Canadá.

O livro é dividido em 8 capítulos e consiste em ensaios que foram escritos entre os anos de 1990 e 1995 e, refletem questões sobre a cultura, a sociedade e sobre a política da teoria cultural que havia surgido na década de 80, nas academias ocidentais.

Os textos foram escritos no contexto do pós-guerra, da prosperidade e posterior estagnação do capitalismo, dos movimentos de libertação nacional e do Vietnã, do avanço tecnológico, da superioridade econômica e dos movimentos em prol do socialismo, em várias partes do mundo. Essas realidades e a compreensão de suas naturezas influenciaram o meio acadêmico anglo-americano e suscitaram teorias e estudos literários e culturais.

Ahmad, dentro dessa totalidade, se preocupou com ramos específicos da teoria literária que levantam questões sobre colônia e império, e que pensam através de categorias como Nação, Nacionalismo e Terceiro Mundo. Em seu livro são oferecidas exposições sobre essas categorias e suas inserções nas histórias políticas anteriores, antes de serem assimiladas pela teoria literária:

no interior dos centros anglo-americanos e também na periferia indiana, as narrativas de classe e nação, colônia e império foram reunidas primordialmente em termos do marxismo e do nacionalismo antiimperialista de esquerda até aproximadamente o início da década de 1970; quando a ascendência do pós-modernismo começa nos centros, o nacionalismo – de todas as espécies de nacionalismo entra em disputas terríveis, a política de identidade e a idéia de “classe” como um assunto histórico começa a ser descartada com desprezo como, na famosa expressão de Lyotard, simplesmente “uma metanarrativa de progresso” (p.13).

O autor se propôs a examinar alguns textos e algumas categorias centrais que se tornaram influentes em certo momento histórico e que continuam a ser influentes em muitos aspectos. Também, procurou oferecer explicações sobre algumas idéias-chave e as condições históricas de sua produção e sua propagação.

Um conceito impreciso e que foi utilizado em diferentes contextos com sentidos convergentes, segundo *Ahmad*, é a categoria “Terceiro Mundo”. Este aspecto é discutido no capítulo “Teoria dos três mundos: fim de um embate”. O autor ressalta que, embora utilizado na América do Sul, Ásia e África o termo foi cunhado pela primeira vez na França, com propósito metafórico para se referir aos Estados-nação, asiáticos e africanos, que surgiram a partir da descolonização, com base no modelo Francês da história revolucionária daquela nação. Inicialmente, o termo era político, pois se referia a maneira de falar da natureza insurgente do nacionalismo colonial e, posteriormente, a partir do decênio de 1960, o termo foi tratado como uma categoria cultural. Essa mudança de concepção política para uma concepção culturalista surgiu em um contexto acadêmico norte-americano que vivenciou radicalismos políticos e que foi domesticado, surgindo assim, uma ideologia que trata a cultura não como um aspecto de organização e comunicação social, mas como uma instância determinante, denominada de Culturalismo. Para *Ahmad*, cada nação é feita de aglomerados de contestação ideológica e cultural.

O autor, crítico marxista, aduz diálogos com *Edward Said* e *Fredric Jameson* sobre as intrincadas articulações entre literaturas periféricas e literaturas do centro.

Fredric Jameson, importante teórico literário de língua inglesa, propôs uma distinção entre a cultura do “Terceiro Mundo” marcada pela produção de “Alegorias Nacionais”, e a cultura do “Primeiro Mundo”, capitalismo tardio, pós-moderna em sua “Lógica Cultural”:

Todos os textos do Terceiro Mundo são necessariamente, quero argumentar, alegóricos, e de uma maneira muito específica: devem ser lidos como o que vou chamar de alegorias nacionais, mesmo quando, ou talvez eu devesse dizer particularmente quando suas formas se desenvolvem a partir de maquinarias de representação predominantemente ocidentais, tais como o romance (p.96).

A análise feita por *Ahmad* critica a leitura de *Jameson* e rejeita

a idéia de que *todo* texto do Terceiro Mundo deva ser lido como ‘alegorias nacionais’ e a idéia posterior de que o nacionalismo é a resposta definitiva para o que *Jameson* chama de “cultura pós-moderna norte-americana” (p.232).

O autor não “acredita que haja uma ideologia *específica* à qual todos os nacionalismos estejam inevitavelmente articulados” (p.225). O conteúdo de qualquer nacionalismo é determinado pelos agentes sociais que dele se apoderam e mobilizam seus poderes no processo de luta por hegemonia nos campos político e cultural. Cada nacionalismo está situado em conjunturas históricas específicas e projetos de classe específicos. O pensamento deve ser voltado para a idéia de “cultura comum”, no sentido de cultura das pessoas comuns; voltar à idéia de que o objeto dos estudos culturais deveria ser não a cultura simplesmente, mas a cultura como sistema de comunicação que produzem sentidos determinados que transformam vidas reais.

O grande perigo dos nacionalismos é destacado:

(...) a lógica da maioria dos nacionalismos vai não na direção da diversidade cultural, da inclusão e da heterogeneidade, mas na direção da exclusividade, da purificação ou pelo menos do majoritarismo. É nessa outra direção, tão comum em nosso tempo, que o nacionalismo tende a se tornar um primo próximo do racismo (p.222).

Ahmad demonstra uma dificuldade em analisar os textos de *Fredric Jameson*:

Parte da dificuldade de travar combate com o texto de Jameson está no fato de que há um resvalamento constante, uma inflação recorrente, no modo como ele lida com suas características analíticas. A especificidade do primeiro mundo, por exemplo, parece às vezes se predicar no momento pós-estruturalista, que é sem dúvida de origem recente; mas, outras vezes, parece ser uma questão do modo capitalista de produção, que é uma coisa muito maior e mais antiga; e, ainda numa outra gama de formulações, diz-se que esse Primeiro Mundo é contérmino com a própria “civilização ocidental”, obviamente um modo muito primordial de ser, que retrocede à Antiguidade (“greco-judaica” na expressão de Jameson) e é anterior a qualquer estruturação de produções e classes como as que conhecemos hoje (p.92-3).

Uma importante obra, *Orientalismo*, do teórico de crítica cultural de língua inglesa, *Edward Said*, é também analisado por *Ahmad*. São levantadas divergências tanto de teoria como de história em suas compreensões do mundo o que leva às diferenças de interpretações e leituras locais propostas por *Said*.

Orientalismo é o conceito por ele desenvolvido em relação ao Oriente Médio, uma ideologia que começou com o início da expansão colonial, ou imperialismo cultural. É um livro que marca uma ruptura na carreira de *Said*, pois este buscava um significado para a sua situação de ser palestino e morar e ensinar nos Estados Unidos (p.111). O seu propósito era tornar manifesto os vários fios e histórias dessa teia que confronta o palestino no ocidente, uma “teia de racismo, de estereótipos culturais, do imperialismo político e da ideologia desumanizante que contém o árabe ou o mulçumano” (p.111).

Sobre a obra *Orientalismo*, *Ahmad* afirma que *Said*, depois de:

reunir toda a narrativa da literatura européia, de Ésquilo a Edward Lane, como uma história de cumplicidade da literatura de inferiorização do Oriente, e depois de identificar o Iluminismo como uma trajetória unificada e um signo-mestre, tanto do orientalismo como do colonialismo, *Said* enfrenta naturalmente o problema de identificar algum tipo de agencia que pudesse desfazer esse nó secular entre as narrativas do Alto Humanismo e o projeto colonial (p.114).

Desta forma, *Ahmad* considera que ficou explícito que *Said* toma como postulado os valores mais comuns e familiares do liberalismo humanista: a tolerância, a acomodação, o pluralismo e o relativismo cultural (p.114). Essas considerações são problemáticas e se complicaram ainda mais quando *Said* tenta alcançar aquele humanismo e a teoria do discurso de *Foucault*.

Said faz uso das idéias de *Foucault*, ou seja, emprega a noção de discurso tal como escrita por ele na “Arqueologia do Saber” e em “Vigiar e Punir”, para identificar o orientalismo. E conclui que é incompreensível a disciplina “sistemática por meio da qual a cultura européia conseguiu administrar e até produzir – o Oriente política, sociológica, (militar), ideológica, científica e imaginativa durante o período pós-Iluminismo” (p.114), sem examinar o orientalismo como um discurso.

Em um outro momento de sua análise sobre a obra *Orientalismo*, o autor aponta para a questão do orientalismo e colonialismo. Em um determinado tipo de leitura, com ênfase na Europa pós-iluminista, o oriente parece ser a consequência ideológica do colonialismo e cita que o orientalismo entregou o Oriente ao colonialismo, de como o colonialismo aparece como um produto do próprio orientalismo. Também, considera que *Said* é taxativo em sua crítica ao orientalismo por sua atitude textual, contudo em sua explicação, a ideologia imperialista parece ser um efeito de certos tipos de escrita.

Entre muitas outras críticas ao *Orientalismo*, afirma que “sabe-se o que o orientalismo não é: não é o que se entende comumente por ideologia colonialista – ou imperialista” (p.134).

Em outro capítulo denominado de “Cultura, Nacionalismo e o Papel dos Intelectuais: uma entrevista”, *Ahmad* (p.219) reproduz uma entrevista _ dada por ele à *Erika Repovz* e *Nikolai Jeffs* para uma publicação em esloveno e a *Ellen Meiksins Wood* para uma publicação em inglês_ em que ressalta que os estudos culturais na Inglaterra, no início, não podiam ser separados das aspirações da classe operária. E, que estavam preocupados com a maneira como os não-privilegiados da sociedade – velhos, mulheres, etc – “ficavam presos entre as pressões da cultura da classe alta e o com o valor cultural de suas próprias vidas” (p.220).

Quando os estudos culturais chegaram à América, apenas uma sombra dessas origens permanece e isso também no trabalho de muito poucos. O desenvolvimento memorável ali foi que ele não veio das pressões de baixo, mas veio principalmente de pessoas muito estabelecidas (p.220).

O livro *Linhagens do Presente* é uma obra que aborda, além do marxismo de *Fredric Jameson* e o Orientalismo de *Edward Said*, a contribuição polêmica de *Jacques Derrida* e a herança de *Gramsci*.

Para Maria Elisa Cevalco,

a sua contribuição principal dirige-se às condições de possibilidades dessas teorias e seus campos de afetividade para se pensar as questões de cultura em um mundo globalizado onde viajam com rapidez de um contexto para outro (s/p).

É uma obra densa, rica em pensamentos, teorias, discussões literárias e culturais e que caminham na contracorrente de *Homi K. Bhaba*¹ e de outros críticos pós-coloniais.

¹ Homi K. Bhaba nasceu na Índia e ensina Teoria da Cultura e Teoria da Literatura na Universidade de Chicago. É também professor visitante de Ciências Humanas no *University College*, de Londres. Desenvolveu sua noção de hibridismo nos seus trabalhos sobre o discurso colonial. “Cada vez mais, as culturas nacionais estão sendo produzidas a partir da perspectiva de minorias destituídas”. In: BHABA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Glúcia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.p.25